



*A revista Encontros Teológicos dá continuidade ao projeto assumido anos atrás de centrar o último número de cada ano ao redor da temática da Campanha da Fraternidade do ano seguinte. Nossa intenção é de oferecer pistas de reflexão aos leitores e propostas de ação aos agentes de pastoral, com o objetivo de alargar o conhecimento e as frentes de transformação da realidade que nos envolve. Desta vez, temos diante de nós o tema da violência. Não é a primeira vez que a Campanha da Fraternidade aborda esta realidade, que já foi discutida na década de 80, no contexto do regime militar. Agora, com o tema “Fraternidade e superação da violência”, a CF 2018, além de mapear a violência, colocará também em evidência os índices de seu crescimento no Brasil e as iniciativas para superá-la.*

*No primeiro bloco de artigos (Artigos principais – Dossiê) concentramos uma série de contribuições acerca do tema da violência, visto sob diversas perspectivas. Sonia Hess, professora da UFSC no campus de Curitibanos, no interior do Estado, nos oferece “A mortalidade por causas violentas no Estado e nas microrregiões de Santa Catarina”. Ao traçar um mapa da violência em nosso Estado, constata que, entre 2011 e 2015, as causas violentas corresponderam à terceira principal causa de óbito dos homens, e à quinta causa de morte entre as mulheres, totalizando 16.873 óbitos masculinos e 4.401 femininos. Dentre os homens, as principais causas de morte foram os acidentes de transporte (7.346), as agressões (3.695), as outras causas externas de lesões acidentais (3.179) e o suicídio (2.205). Entre as mulheres, foram 1.827 mortes por acidentes de transporte, 1.275 por outras causas externas de lesões acidentais, 655 por suicídio e 488 por agressões. Com relação ao suicídio, para ambos os sexos, as taxas de mortalidade a cada 100 mil habitantes registradas no Estado foram mais de 50% superiores àquelas aferidas no país. Entretanto, as taxas de mortalidade por agressões foram inferiores à média nacional para ambos os sexos, enquanto que as taxas de mortalidade por acidentes de transporte foram mais de 20% superiores às registradas no país, para ambos os sexos.*

*Com “Violência, meio aniquilador da humanidade: o lugar da fraternidade”, Josiane Rose Petry Veronese e Geralda Magella de Faria Rossetto, professoras da UFSC, refletem sobre o peso da violência no desenvolvimento das crianças e propõem o paradigma da fraternidade como meio de superação desse mal, que aniquila a humanidade. As*





*relações humanas, especialmente as pertinentes à criança, têm acontecido sob o contexto da violência. Cabe identificar os tipos de violência, sobretudo o locus onde ela está e se faz presente, para indicar os meios possíveis de, sobrepondo-se a ela, tornar mais presente e frequente a fraternidade, privilegiando a esfera do cuidado, da responsabilidade, da atenção diligente, da política e de ações de Estado.*

*Elson Manoel Pereira, professor da UFSC, com “Direito à cidade e violência no Brasil: considerações reflexivas”, trata da violência urbana, que atinge principalmente homens jovens, negros e pobres, e, propõe, como sua superação, o direito à cidade. No contexto de um capitalismo periférico, a cidade brasileira apresenta-se com um espaço segregado, desigualmente desenvolvido, onde as políticas públicas de promoção de direitos são igualmente desiguais e os investimentos regressivos, que levam à existência de dois circuitos da economia, um superior e outro inferior; que resultam em duas cidades desiguais, mas articuladas entre si. Essas duas cidades, dentro de uma só realidade, representam dois paradigmas: o da cidade-mercado e o da cidade-direito. No primeiro, o habitante é visto como cliente consumidor e no segundo como cidadão portador de direitos. Esta cidade segregada e desigual apresenta espaços onde a violência também se apresenta desigualmente. Daí, o conceito de Direito à Cidade como utopia de uma cidade integrada socialmente e não violenta.*

*O tema da violência se faz presente e desafiador no contexto das migrações, sobretudo internacionais. “Desafios do encontro entre migrantes e comunidades cristãs. Reflexões sobre situações de vulnerabilidade” é o título da contribuição de Carmem Lussi, que reflete sobre estudos migratórios. Ela propõe às comunidades cristãs maior empenho na acolhida dos migrantes e refugiados e na saída missionária para ir ao encontro de quem se encontra em situação de grave vulnerabilidade. A intensificação dos fluxos de migrações internacionais, em muitas Igrejas locais, vem acompanhada de esforços para promover e sustentar ações de assistência em situações de vulnerabilidade humana, social e jurídica. A categoria da vulnerabilidade entendida como possibilidade de ser ferido (ou de ferir) ajuda a interpretar os desafios que os sujeitos em situação de mobilidade humana atravessam. As comunidades cristãs de chegada dos fluxos enfrentam desafios nos processos relativos à presença de migrantes e à reinvenção das relações e das práticas de vida cristã, interpeladas pelo fenômeno da mobilidade humana.*



*Apraz-nos trazer para nossos leitores um artigo, em italiano, do jornalista, escritor e professor Andrea Cardinali, que nos brinda com “Esílio: patria delle rivelazioni in Maria Zambrano”. De corte filosófico existencial, seu ensaio reflete sobre a realidade de exílio vivida e analisada pela filósofa espanhola Maria Zambrano. Para ela, o exílio foi momento de desconstrução e aniquilamento pessoal, mas também lugar de revelações únicas para escrever e repensar a história. O artigo mostra como, numa atitude de permanente esperança, pode-se superar a violência do exílio, transformando-a em experiência fundante, pedra preciosa que guarda os segredos de uma existência inteira, espaço onde se regenera a constante oportunidade criativa de dar esperança de unidade ao mundo.*

*O segundo bloco – o de outros artigos – começa com “A participação dos animais na fraternidade em Cristo”, de Afonso Tadeu Murad e Marco Túlio Brandão Sampaio Procópio. Os autores consideram que o mistério da encarnação e da ressurreição tem repercussão não somente para a humanidade, mas para todas as criaturas. Há uma fraternidade cósmica que encontra respaldo não somente no relato da criação, mas também no mistério de Cristo. Particularmente os animais são colocados como verdadeiros irmãos e irmãs dos seres humanos por uma apropriada leitura teológica e hermenêutica bíblica. Entretanto, essa relação fraternal proposta pela tradição cristã depara-se com sua antítese expressa na atual relação de exploração animal. Os animais são hoje vítimas de um ciclo de sofrimento no mais alto grau, submetidos à escravidão, tortura e morte. A vontade de Deus expressa na Bíblia e em Cristo, porém, não é essa, mas de paz e justiça entre suas criaturas. Este trabalho apresenta a perspectiva cristã da relação entre os seres humanos e os animais, contrastando com a realidade atual e propondo caminhos de ação.*

*Ainda no campo da ecologia, Benedita Izabel Rosa nos oferece “Uma casa comum, um projeto comum: político, social e ambiental”. Ela continua a reflexão da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016, cujo tema foi: “Casa Comum, nossa responsabilidade”. Organizada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), a CFE 2016 teve por objetivo geral refletir sobre a questão do saneamento básico. Tais reflexões, contidas no seu Texto-Base, demonstram que esse é um direito fundamental para todas as pessoas e, como todos os outros direitos, requer o nosso empenho, à luz da fé, a lutar por políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o*



*futuro de nossa Casa Comum. O livro do Profeta Amós, que inspirou o lema da campanha, “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5,24), é uma revelação de que também naquela época já havia crises sociais agudas, fundamentadas por um progresso econômico que não se traduzia em igualdade e justiça para todos. Nessa linha de reflexão, inclui-se também o pensamento do Papa Francisco contido em sua Carta Encíclica Laudato Si. O artigo propõe a retomada da leitura dos documentos – o Texto-Base da CFE 2018 e da Laudato Si –, cujas reflexões contribuem para despertar em nós uma consciência que se concretize em atitudes responsáveis para a preservação da nossa Casa Comum.*

*Os próximos dois artigos repercutem o tema da misericórdia, amplamente tratado e estudado no ano passado, com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Ellton Luis Sbardella e Clélia Peretti oferecem reflexões bíblicas e do magistério da Igreja sobre o tema, em “Misericórdia: opção fundamental para o agir cristão na atualidade”. A misericórdia é o fundamento para os desafios que a fé cristã enfrenta diante das diferentes manifestações de violência na nossa sociedade. O tema da misericórdia está presente na Sagrada Escritura e no Catecismo da Igreja Católica. A Bula Misericordiae Vultus, do Papa Francisco, apresenta com clareza o rosto da misericórdia de Deus, sua presença e ações manifestas no caminhar e na história do povo. O desafio do cristão hoje é uma prática evangélica da misericórdia, que ofereça respostas de libertação àquilo que fere a dignidade do homem e da mulher.*

*Com “Os milagres de Cristo no Quarto Evangelho como símbolo da misericórdia de Deus”, Élcio Bernardino Correia faz uma análise dos milagres de Cristo no Quarto Evangelho a partir do ponto de vista da misericórdia divina. O objetivo é mostrar que tanto as ações quanto a atitude de Cristo no desempenho de seus milagres retratam de maneira singular o Deus misericordioso. Depois de breve apresentação do termo hesed, na Bíblia Hebraica, e de uma análise sintética dos sinais de Cristo no Evangelho, conclui-se que Jesus demonstra nos sinais de seu ministério, com precisão inequívoca, o atributo da misericórdia de Deus.*

*“Ciências das religiões no campo da espiritualidade e saúde”, é o título do artigo de Fernanda Pinheiro Cavalcanti. Ela analisa a importância das Ciências das Religiões no campo da espiritualidade e da saúde, com o intuito de contribuir para um maior entendimento do lugar da fé e da espiritualidade, por meio da compreensão de transcendentais-*



*lidade, na representação simbólica do sagrado, no intuito de prevenção e restabelecimento da saúde, mais especificamente na cura de doenças.*

*Que a leitura desses artigos ajude nossos leitores no conhecimento das diferentes formas de violência e no engajamento por sua superação, tendo em vista a realização do Reino de Deus, onde “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” (Ap 21,4).*

Vitor Galdino Feller – Editor-Diretor